

“Por que o M vem antes do P e do B?” – uma breve discussão sobre fonética,
fonologia e a aquisição da ortografia

Monique Jesus Silva Vieira

Na escola, as professoras sempre pegam no nosso pé com a regrinha “o M vem sempre antes do P e do B”. Crescemos achando que essa regrinha é aleatória, mas não é. Você sabia que existe um motivo para o M sempre vir antes de P e B? É bem provável que não, pois não aprendemos isso na escola. Se tivéssemos aprendido, talvez, teríamos aprendido a regra bem mais rápido que só a decorando. Antes de falarmos o motivo do M acompanhar o P e o B, vamos falar um pouco sobre a ortografia portuguesa, os desvios mais recorrentes e discutir um pouco sobre a importância da fonética e da fonologia para a aquisição da ortografia.

A ortografia da língua portuguesa é essencialmente baseada em fonemas. Isso quer dizer que as letras representam os fonemas, que são as menores unidades distintivas da palavra. Por exemplo, palavras como "gato" e "lato" têm o mesmo fim de palavra, “ato”, mas a alteração do primeiro segmento muda completamente o significado da palavra, demonstrando que /g/ e /l/ são fonemas. Acontece que a relação entre os fonemas e as letras que os representam na escrita nem sempre é regular, o que pode levar a muitos erros ortográficos. As relações regulares, também chamadas de relações biunívocas, são aquelas em que um fonema só tem uma representação gráfica e vice-versa, como é o caso do fonema /f/, da palavra “faca”, que só é representado pela letra F no português brasileiro. Existem, também, as relações irregulares, ou múltiplas, em que um fonema pode ser representado por várias letras diferentes, e uma letra pode representar vários fonemas, como o fonema /s/ que tem oito grafias diferentes (s,ss,c,ç,sc,sç,x,z) e a letra S que pode representar o fonema /s/ e o fonema /z/, como veremos adiante. Levando em conta a existência dessas relações biunívocas e múltiplas, podemos considerar que as ortografias ou são opacas (quando têm predominância de relações múltiplas, como o inglês) ou são transparentes (quando têm predominância das relações biunívocas). A ortografia portuguesa é mais transparente que opaca, porém, as relações múltiplas ainda causam muita confusão no momento de aquisição da ortografia.

Podemos destacar como exemplo de uma relação múltipla que causa muitos desvios ortográficos o fonema /s/, que pode ser representado por “S” (como em “salada”), “SS” (como em “massa”), “C” (como em “cedo”), “Ç” (como em “maçã”), “SC” (como em “crescer”), “SÇ” (como em “nasça”), “X” (como em “máximo”) e XC (como em “exceto”). Por outro lado, também temos a letra “X”, que pode representar os fonemas /ks/, como em “táxi” (que pronunciamos “táksi”); /z/, como em “exame”; /s/, como em “texto” e o fonema /ʃ/, como em “xícara”.

Alguns estudos na área mostram que a maior parte dos desvios ortográficos cometidos por crianças em fase inicial de alfabetização está relacionada a essas relações múltiplas e irregulares entre fonema e letra, sendo que o fonema /s/ e suas diversas representações são o caso mais recorrente de erro. Como esse fonema possui 8 formas diferentes de representação gráfica, é comum que as crianças se confundam na hora de escrever. Podem ocorrer trocas como “cítio” (sítio) e “sedo” (cedo); também podem ocorrer trocas no meio da palavra, como “paçarinho” e “cossar”. Isso mostra que, quanto mais opções possíveis de grafias um fonema tem, mais desvios relacionados a ele vão existir. Nesses casos, as crianças podem fazer escolhas de grafias com base no que elas veem com mais frequência. Ou seja, é mais fácil que a criança escreva “esseção”, do que “paçarinho”, por exemplo, já que a grafia “SS” é mais comum e frequente que “SÇ”.

Mesmo com essas relações múltiplas, a escrita ainda cumpre seu papel unificador da língua falada. Graças à sua essência fonêmica, a escrita consegue neutralizar as diferentes variantes faladas do português, além de unificar fonemas que possam ter mais de uma pronúncia. É o caso de “diadema”, em que o primeiro /d/ é pronunciado como [djan] e o segundo como [d] e, mesmo assim, são escritos da mesma forma, pois representam o mesmo fonema. Há também, no caso das vogais, o caso de “paixão”, em que o primeiro “a” é pronunciado de forma mais aberta, enquanto o segundo “a” é anasalado, mas ambos são escritos da mesma forma por também representarem o mesmo fonema.

Apesar da natureza fonêmica, a escrita também pode sofrer influência da pronúncia, e é o que acontece no exemplo que citamos lá em cima, no início do texto. O M vem antes do P e do B pois esses fonemas são articulados da mesma maneira, com os dois lábios se tocando; por isso, na ortografia, eles vêm juntos. Como dissemos no início, essa relação entre a pronúncia e a ortografia não é ensinada na escola, só a regra. Isso dificulta o processo de aprendizagem da escrita das crianças, que com

frequência trocam o “M” por “N”, escrevendo palavras como “ponbo”, “sanba”, “tanpa”, etc. Não entender o processo por trás da regra dificulta sua fixação. Nesse erro também temos a influência da frequência da forma; é mais provável que a criança troque o “M” pelo “N” que o contrário, já que a combinação “N” + consoante aparece com mais frequência na escrita que a combinação “M” + consoante (tendo em vista que o “M” só aparece diante de “P” e “B”).

Por outro lado, quando a criança aprende ou percebe alguma regra da escrita, pode ser que ela tente aplicá-la em contextos equivocados. É o que chamamos de “supergeneralização”. Um exemplo é quando a criança escreve “flalta” em vez de “flauta”, pois percebeu que, quando pronuncia-se “u” no fim de alguma sílaba, ela geralmente é escrita com “L”, como acontece em “calma”, e aplica essa regra erroneamente em “flalta”.

Frequentemente, os alunos também tentam escrever as palavras exatamente como as pronunciam, resultando em erros como “pirigu” em vez de “perigo” ou em erros que envolvem a inserção ou a omissão de vogais em algumas palavras, como acontece em “vocêis” e “quejo”, respectivamente. Essa tentativa de espelhar a fala na escrita acontece, principalmente, nos primeiros anos de alfabetização e tende a sumir conforme o passar do tempo.

Esses erros refletem as dificuldades que as crianças enfrentam ao aprender a ortografia, sendo que a maior parte delas está relacionada à irregularidade entre fonema e letra e às relações múltiplas estabelecidas sobre esses elementos. O registro e análise desses erros, realizados por muitos pesquisadores, nos fornece dados importantes sobre a natureza desses desvios ortográficos e nos guiam no melhor caminho para corrigir esses erros com eficácia.

Erros motivados pela arbitrariedade da língua, como “cítio” e “sedo”, podem ser solucionados com exercícios de memorização e fixação. Já erros que envolvem a falta de compreensão dos processos fonéticos e fonológicos da língua, como o que citamos no início do texto, podem ser resolvidos com atividades que incentivem a reflexão. É importante que esses exercícios estejam em acordo com a fase de desenvolvimento dos alunos, para que, de fato, eles consigam refletir sobre esses processos. Isso demonstra, também, a importância do estudo de Fonética e Fonologia durante a formação dos professores. Para conseguir elaborar exercícios de reflexão relacionados aos processos fonéticos e fonológicos, os professores precisam, primeiro, conhecer tais processos e entender como aplicá-los em sala de

aula de maneira clara, eficaz e proveitosa. Assim, o processo de aquisição da ortografia pode se tornar mais fácil e prazeroso, tanto para os alunos, que vão conseguir entender, na prática, as regras por trás da ortografia, quanto para os professores, que não vão precisar ficar relembando diariamente e massivamente que o “M vem antes do P e do B”.